

28/9/97 A-20
77

Fumaça na Amazônia supera a da Indonésia

Hélcio Nagamini/AE — 20/8/97

Ação do El Niño aumentou a seca que favoreceu a antecipação das queimadas na região

LIANA JOHN

A influência do El Niño sobre as queimadas no Brasil já era esperada por especialistas, dada a enorme correlação entre a seca e o uso do fogo. Ao se confirmar as previsões de um El Niño severo para este ano, as expectativas já eram de um inverno sob chamas. "As nuvens de fumaça sobre a Amazônia chegam a milhões de quilômetros quadrados e são sensivelmente maiores do que as nuvens sobre a Indonésia", diz Alberto Setzer, especialista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). "Isso é visível nas imagens dos satélites, apesar das falhas da nossa antena."

A seca também favoreceu a antecipação das grandes queimadas na Amazônia, a exemplo do que aconteceu em 1996. A região já ardia em junho e julho, quando o normal seria ter índices altos apenas a partir de agosto. As regiões amazônicas com numerosas queimadas precoces foram: da Serra do Carajás a São Félix do Xingu, no Pará, e ao longo da Cuiabá-Santarém, em Mato Grosso. O satélite registrou, ainda, nove focos de grande intensidade, em junho, na fronteira do Amazonas com a Colômbia, na altura da cidade de Japurá. Ali nunca foi detectado nada, nos últimos seis anos de monitoramento. A ocorrência merece a atenção das autoridades.

Fogo — Em agosto, como era de se esperar, todo o sudeste do Pará, o noroeste do Tocantins e o norte de Mato Grosso pegaram fogo. A imensa mancha de queimadas impressiona, mesmo nas imagens captadas à noite, pelo NOAA-12, num horário em que muitos focos já se apagaram. Do Parque Nacional do Grão Pará à margem direita da barragem de Tucuruí, descendo até a Serra do Matão e o médio Araguaia, o Pará esteve tomado pe-



Cidade de Machadinho d'Oeste, em Rondônia: nuvem de fumaça provocada por queimadas

las queimadas. No Mato Grosso, o fogo formou uma extensa linha do Rio Juruena ao Rio Xingu, tomando ainda toda a Serra do Tombador e as margens dos Rios Teles Pires e Araguaia. As queimadas aumentaram igualmente em Rondônia, ao longo da BR-364 e das vias secundárias.

A contabilidade do satélite diurno (NOAA-14) para junho e julho soma 37.380 pontos de fogo em todo o Brasil, dos quais 21.613 ou quase 58% ocorreram na Amazônia. Os registros do satélite noturno (NOAA-12), computados

a partir de agosto, somam 33.726 focos no País, dos quais 26.520 ou 78,6% foram registrados na Amazônia.

CASTANHEIRAS SÃO PREJUDICADAS PELO FOGO

Castanheira — Em Mato Grosso, este ano, as queimadas ainda se traduzem num perigo extra para as castanheiras. O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) autorizou o corte experimental de castanheiras mortas ou desvitalizadas em 11 municípios. O presidente do Ibama, Eduardo Martins, justificou a me-

dida, dizendo que "existem 3,5 milhões de metros cúbicos de castanheiras secas, suficientes para manter serrarias funcionando por 5 a 6 anos e injetar cerca de R\$ 1 milhão na economia local".

As castanheiras costumam ser as únicas árvores mantidas em pé, numa derrubada para formação de área agrícola ou pastagem, por ter sua comercialização proibida, dado o valor das castanhas. O problema é que a maioria das castanheiras isoladas morrem devido às queimadas no seu entorno ou à prática de anelamento (corte circular na base da árvore, para interromper a seiva). Agora, com a autorização de corte, muitas castanheiras ainda vivas podem ser "acidentalmente" atingidas pelo fogo.

Observação apresentou problemas

Falhas de captação podem ter escondido registros de queimadas, alerta pesquisador

A antena de captação das imagens do satélite NOAA, instalada no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em Cachoeira Paulista, apresentou falhas no início do inverno. Com mais de 20 anos de uso, ela foi substituída em agosto. Mas o fato conseguiu prejudicar o acompanhamento contínuo das queimadas em extensas áreas na região dos cerrados e em São Paulo, em dias diversos de junho e julho. "Isso significa que ocorreram mais queimadas do que as registradas, mas o problema já foi sanado", explica o pesquisador Alberto Setzer.

Setzer disse que, em 1998, será instalada uma outra antena, em Cuiabá (MT). Essa segunda antena deverá cobrir uma parte do Brasil não alcançada pela primeira: norte do Amazonas, Roraima, Amapá e leste do Acre. Rondônia e sul do Acre também passarão a ter cobertura sistemática. Até hoje, os índices de queimadas dessas áreas foram subestimados porque as imagens captadas em Cachoeira Paulista não abrangem todo o território nacional. Além das falhas técnicas deste ano, esta é a terceira temporada de queimadas em que a observação por satélites é prejudicada por causa da opção de captar as imagens do NOAA-12, de passagem noturna, no lugar do NOAA-14, de passagem vespertina.

A troca, ocorreu pela primeira vez em meados de agosto de 1995 por causa de problemas com o reflexo do Sol em corpos de água. O reflexo pode ser comparado, a grosso modo, ao brilho do sol no vidro traseiro dos carros: conforme o ângulo de incidência ele prejudica a visão dos sensores do satélite. Nos anos anteriores a 95 o problema era insignificante porque o satélite era outro, o NOAA-11. Mas ele apagou no fim de 94 e seu substituto, o NOAA-14, foi colocado em órbita num horário desfavorável para o monitoramento de queimadas. A opção de emergência do Inpe foi utilizar o NOAA-12 (noturno) até encontrar outra alternativa técnica.

De qualquer modo, em 1995, a análise dos dados já não permitia comparações com os anos anteriores. O número de queimadas ainda acesas à noite é quatro a cinco vezes menor do que aquelas realizadas à tarde. Uma co-

missão interministerial de queimadas, integrada pelo Inpe, Agência Espacial Brasileira e ministérios do Meio Ambiente e Relações Exteriores, decidiu manter esta opção em 96 e 97.

"Na verdade, é possível filtrar nas imagens a região atingida pelo reflexo, que afeta só o Nordeste e Minas Gerais, em dias alternados, pois o satélite não passa exatamente no mesmo horário, todos os dias", afirma Alberto Setzer. "E, na Amazônia, não ocorre o problema, portanto, teríamos condições técnicas de manter os dados do NOAA-14 para a maior parte do Brasil." (L.J.)

NOVA ANTENA DEVE COBRIR PARTE DO BRASIL